

CONTEXTOS APARENTADOS E OS PRONOMES CLÍTICOS NO PORTUGUES EUROPEU

1. O SUJEITO

A relação sujeito-verbo e o posicionamento dos pronomes objetos em Português, levou-me a considerar como Contextos Aparentados os dados que já filtrados por todas as operações de movimento ou de apagamento, podem ser assim exemplificados:

- (1)(a) Em Londres é onde eu estudo
(b) Essa salada faz-se em pouco tempo
(c) O livro foi dado ao João
- (2)(a) Os alunos chegaram
(b) Chegaram os alunos
- (3)(a) Os preços dos alimentos aumentaram
(b) Aumentaram os preços dos alimentos

O exemplo (1a) é comentado em Aspects (1971), página 162, onde N. Chomsky levanta o problema do SPrep poder ser um sujeito. Uma aproximação pode ser feita entre o SPrep em (1a), o sujeito em (1b) e o sujeito (passivo) em (1c). Os três ocupam uma posição sujeito mas não têm o papel temático do sujeito. Esses fenômenos foram analisados por J.C. Milner (1989), como casos de Distorção. Este autor sugere que é necessário à Teoria da Gramática a noção não posicional de argumento como o sujeito de uma construção passiva. Se o verbo determina as propriedades de argumento de uma maneira não posicional, devemos acrescentar que o verbo fazer em

(1b) precisa da ajuda do pronome se para que "essa salada" funcione como sujeito. Numa construção passiva, essa propriedade é representada pela inserção de ser.

Além de (1a-c), há vários casos de distorções como em "Morrer não é nada" onde o sujeito é um verbo. Em (1a), o sujeito sendo um SPrep, a sintaxe deve usar etiquetas posicionais que não coincidem com o tipo da categoria do termo em questão então o SPrep aparentemente ocupa o lugar de um SN em (4):

(4)
[T-SM(SPrep Em Londres)[T-T[ac-pro[sv é [SN[onde eu estudo]]]]]]

Outros casos que podemos assimilar aos Contextos Aparentados são ilustrados por (2-3). Tanto (2a) quanto (3a) serão integrados numa análise de sujeito aparente. Esses exemplos são limitados a certos verbos enquanto que a construção passiva concerne os verbos transitivos. Assim, nos Contextos Aparentados a relação sujeito verbo predica que o sujeito não é agentivo nem em (2), nem em (3). Em Português e em outras línguas românicas a posposição do sujeito nas construções inacusativas são facilmente admitida ao contrário dos verbos transitivos em que um SN numa posição de objeto aparente, acarreta maiores problemas:

(5) *Trabalhou o João

Portanto existe uma relação sujeito verbo mas essa relação nos informa que o sujeito não é agentivo em (1-3) e agentivo em (5). A minha hipótese é que para o Português precisa ser elaborada uma Teoria de Controlo onde o sujeito assume o seu papel temático ao mesmo tempo que há concordância sujeito-verbo. Assim papel

temático e concordância fazem parte de uma só regra que é a do controlo do sujeito, dessa forma, se o sujeito for agentivo, a posição pré-verbal do sujeito será obrigatória. Numa frase mais complexa que ilustramos em (6), as regras de controlo estando já realizadas, o sujeito pode aparecer posposto ao verbo:

(6)(a) Aonde trabalharam os alunos ?

(b)

[_{CP}[_{ESPEC}Aonde_i[_C.trabalharam[_T-(_{ESPEC})os alunos[_{svtv}{_{t_i}}}]]]]

O importante em (6a-b), não é mais o controlo do sujeito-verbo, mas sim, as relações do [S_{qu}-t].

Dessa maneira, o sujeito pode ocupar o lugar aparente de um objeto como o objeto de uma construção passiva pode ocupar a posição aparente de um sujeito.

2. Contextos Aparentados e a Noção de Marcas dos Pronomes

Diversas operações discutidas aqui supõem uma vasta bibliografia sobre a Estrutura da Frase, Tempo, Acordo, Negação e a subida do verbo em Português (cf., entre outros, os autores citados na página 10).

Com o intuito de explicar a relação que possa existir entre os fenómenos apontados em (1-6) e o posicionamento dos pronomes clíticos do Português Europeu, vamos considerar alguns pontos salientados por O. Jaeggli (1982), em *Topics in Romance Syntax*, página (20), sobre a repetição do pronome em (7b):

(7)(a) Lo vimos

(b) Lo vimos a el

Para este autor, (7a-b) decorrem do facto dos pronomes serem ou não serem marcados. O exemplo (7a), corresponde a um contexto não marcado e o exemplo (7b), corresponde a um contexto marcado. A ocorrência de [lo V a el] é uma especificação do Espanhol para que esse contexto venha a ser marcado.

Baseando-me nesse fenómeno de marcas dos pronomes clíticos e considerando somente os pronomes de terceira pessoa o, a, os, as, nos propomos a considerar esses exemplos:

(8)(a) O João conhece-os

(b) Conheço-os

(9) Eu lamento os senhores terem-nos perdido

(10)(a) Todos os garotos os conhecem

(b) Não os viste

(11)(a) Quando os viram os alunos ?

(b) O João sabe onde a Maria os conheceu

Como sabemos, a ênclise é de rigor em (8-9) e também a próclise em (10-11). Tendo em vista essas considerações, observaremos as seguintes hipóteses para o PE:

(i) (8-9) são o resultado da subida do verbo, portanto a posição dos clíticos permanece a mesma, tanto em (8), como em (9);

(ii) A subida do verbo em (8-9), é a única maneira de um clítico se manter ou de vir a ser um pronome marcado;

(iii) O pronome clítico tem uma posição bem definida que é a de ocupar a posição Espec do SV.

Como exemplo de próclise, vamos representar (10a) em (12):

(12) [_T-SN[_T-T[AC-PRO[AC-AC[sv(ESPEC) cl [v' v (SNe)]]]]]]
(Qtf.)

Poderíamos sugerir que cada vez que as operações giram em torno do sujeito lexical ou em torno da presença de material lexical em CP ou em AC(ORDO), como a negação, essas operações não afetam o facto dos clíticos serem ou não marcados pois tanto (10-11), quanto (13-14), em que os clíticos são marcados, são também casos de próclise:

(13)(a) Todos os garotos nos conhecem

(b) Não me viste

(14)(a) Quando lhe falaram os alunos ?

(b) O João sabe onde a Maria te conheceu

Esse facto dos clíticos serem ou não marcados em (10-14), são cobertos em PE, por outras operações referentes às propriedades do Sujeito, do CP, etc.. Como já salientamos em (7b), a retomada do pronome é uma maneira de ter um contexto marcado em Espanhol; no Português oral do Brasil esse contexto marcado é verificado através do uso corrente do pronome ele como em (15):

(15) João conhece ele

Portanto em PE, quando há a subida do verbo como em (8-9), os pronomes o, a, os, as, comportam-se como pronomes marcados e os outros pronomes se mantêm marcados pois a ênclise é também obrigatória em (16):

(16)(a) O João conhece-me

(b) Chegou-se a uma conclusão

Com essas observações concluo que as propriedades dos pronomes serem marcados ou não no PE, são cobertas pelas operações que concernem o sujeito e o CP, isto é, mesmo existindo, as noções de marca não são visíveis como em Espanhol e no PB.

Em termos de Contextos Aparentados os pronomes enclíticos funcionam como argumento do verbo e dessa maneira há uma semelhança entre um SN e esses pronomes. O facto que os clíticos se aparentem a um argumento, levou-me a supor (iii), em que o pronome clítico tem uma posição bem definida que é a de ocupar a posição Espec do SV. Essa hipótese funcionará se a estrutura de frase que propus (em 1990), como em (12) ou em (17), também funcionar:

(17) [_T-SN(_T·T[_{AC}-pro[_{AC}·V[_{SV}(ESPEC) cl [_V·_{TV}(SNe)]]]]]]

Na representação (17), o verbo subiu para a posição núcleo de AC" e dessa maneira o verbo rege o clítico. Temos portanto em (17), um outro Contexto Aparentado em que o clítico é o único candidato a ocupar a posição Espec do SV, visto que o sujeito nulo já ocupa a posição Espec de AC".

Os pronomes clíticos são estudados em relação à categoria nominal que o clítico possa representar. Ao nível fonológico, esses pronomes são o resultado da não aparição de uma categoria. A posição dos clíticos numa configuração arborescente não era bem definida pelo facto, talvez, que eles tenham uma posição regular: adjacente ao verbo.

Em (17), O SN que corresponde ao clítico, encontra-se na mesma PM do seu antecedente como é também, mais ou menos, o caso de

pro-V-flex. Para não haver conflito entre duas categorias anafóricas como [ESPEC Cl-SNe] et [ESPEC pro-flex], a subida do verbo é obrigatória em (17), pois tanto pro sujeito, quanto o cl-SNe estão submetidos ao mesmo processo de identificação.

3. A Distribuição Complementar dos Contextos Aparentados ao Sujeito e ao Objeto

Um dos pontos interessantes nesta descrição de Contextos Aparentados consiste em estabelecer uma distribuição complementar entre os casos de ênclise como em (17) e a posposição do sujeito em (18):

(18)
[CP[ESPECQuando[C·os viram[T"os alunos[AC"[sv[ESPECTV(SNe)]]]]]]

Em (18), houve a subida do Espec/V para a posição núcleo de CP, neste caso [cl-V] regem T" e o conteúdo de AC". Assim, o sujeito (ou T") não conta mais como uma Barreira mas é CP que constitui uma Barreira. No caso em que CP se encontra vazio como em (17), o sujeito (ou T") conta como uma Barreira. Assim, estabelece-se uma distribuição complementar entre as operações que permitem a posposição do sujeito e as operações que permitem a posposição dos pronomes clíticos. Em outros termos, existe uma complementariedade entre os pronomes clíticos marcados e não marcados. Resta portanto explicar porque não há subida do verbo em (10) e (11b):

(10)(a) Todos os garotos os conhecem

(b) (Tu) não os viste

(11)(b) O João sabe onde (a Maria) os conheceu

Por diversas razões (como a quantificação, SAdv., completivas), o sujeito, nesses exemplos, não conta como Barreira, o pronome "os" é então não marcado. Tanto em (10a), quanto em (11b) T e AC estão livres de qualquer operação sintática e a negação em (10b) ocupa a posição núcleo de AC. Num outro trabalho, apresento a hipótese que a negação pode ocupar a posição núcleo de AC" mas não trataremos aqui desse importante assunto.

O sujeito em (10a), não pode aparecer entre parênteses como em (10b) ou em (11b). (10 a-b) e (11b) terão, respectivamente, as representações (19-21):

(19) [T-SN[T·T[AC-pro[AC·AC[sv(ESPEC) cl [v· V (SNe)]]]]]]]
(Qtf.)

(20)(SN)(T)[AC-(ESPEC)pro[AC·Neg[sv(ESPEC) cl_i[v· V (SNe_i)]]]]

(21) V[CP[ESPECsqu[C·C[T-(SN)[T·T[AC-pro[AC·AC....
[sv(ESPEC)cl_i[v· V (SNe_i)]]]]]]]]]

O sujeito lexical quando está presente em (19-20) é regido por T(empo). Não se trata mais de Contextos Aparentados em (19-20) pois não há nenhuma operação de movimento e os pronomes o,a,os,as permanecem como não marcados.

Reconsiderando o que descrevemos até aqui, podemos resumir que os pronomes clíticos marcados e Contextos Aparentados coincidem em (8):

(8)(a) O João conhece-os

(b) Conheço-os

Os pronomes clíticos não marcados aparecem em Contextos não

Aparentados como em (10a):

(10)(a) Todos os garotos os conhecem

Existe uma distribuição complementar entre (8) e (11a). Em (11a) o Contexto Aparentado em (11a) concerne o sujeito "os alunos" e o pronome clítico pode aparecer como não marcado:

(11)(a) Quando os viram os alunos ?

Sem entrar em maiores detalhes, essa análise pode abranger também as construções com dois verbos como as infinitivas impessoais, as construções infinitivas como em (9), como nós sabemos, o posicionamento dos clíticos nessas construções têm o mesmo comportamento de uma oração com um tempo finito. Consideremos esses exemplos:

(9) Eu lamento os senhores terem-nos perdido

(22) *Eu lamento os senhores os terem perdido

(23) Eles devem vê-los

(24) *Eles devem [os ver]

Em (9) e em (23) os clíticos funcionam como argumentos fazendo assim parte de Contextos Aparentados. Essa análise, no entanto, prediz que as construções participiais não formam um domínio à parte pois não podemos supor nessas construções uma posição Espec do participío por isso esses exemplos não são bem formados:

(25) *O João tem [os visto]

(26) *O João tem visto-os

Os dados com ter+participío passado devem portanto obedecer às mesmas regras dos exemplos descritos no decorrer desse estudo.

Outras predições ficarão aqui em suspenso, como é o caso do objeto nulo e a posição Espec do SV.

Em todos os casos de próclise e de ênclise, o clítico-SNe mantém uma relação anafórica e dessa forma comparamos o SNe a um pro anafórico como é também o caso de pro-flex. O objeto nulo que é considerado por A. Rouveret como "pro-dégénéré" será, talvez, proveniente do facto de termos a posição vazia do Espec do SV e a posição vazia do SN, formando assim uma sequência de categorias vazias: [pro-SNe].

Referências:

- Ambar, M. (1985)-Gouvernement et Inversion dans les interrogatives Qu- en Portugais-Recherches Linguistiques, 16. Paris (1987).
- Erito, A. M. (1982)-Conditions on Verb Raising in Portuguese Centro de Linguística da Universidade do Porto.
- Chomsky, N. (1965)-Aspects of the Theory of Syntax-The MIT Press Cambridge.
- Chomsky, N. (1986)-Barriers, The MIT Press, Cambridge.
- Cortez-Gomes, A.M.(1985)-Le pronom clitique en portugais europeen - Université de Paris-Nord.
- Cortez-Gomes, A.M.(1990)-A Proposição em Português: Concordância, Tempo e Negação. Actas do 6º Encontro da APL, Porto.
- Duarte, I. (1983)-Variação Paramétrica e Ordem dos Clíticos-Revista da Faculdade de Letras, Lisboa. Dezembro de 1983.
- Duarte, I. (1987) A Construção de Topicalização no Português Europeu: Alguns argumentos a favor de uma Teoria de Princípios e Parâmetros- Actas do 3º Encontro da APL - Lisboa.
- Jaeggli, O. (1982)-Topics in Romance Syntax. Foris Publications, Dordrecht.
- Milner, J.C. (1989)-Introduction à une science du langage, Seuil Paris.
- Raposo, E.P. (1986)-On the nul Object in EP. Studies in Romance Linguistics.Foris, Dordrecht.
- Rouveret, A. (1989)-Cliticisation et temps en portugais européen. Revue de Langues Romanes.
- Pollock, J. Y.(1987)-Verb Movement, UG and the Structure of IP. Linguistic Inquiry, 20:365-424.
- Zribi-Hertz, A. (1985)-Trou structural, catégorie vide, ellipse structurale, pronom nul: quatre concepts à préciser. Modèles Linguistiques - Tome VII-Fascicule 1.